

***MAIS DE PEDRAS QUE DE LIVROS - MORE ROCKS THAN BOOKS***

(Studies on Medieval and Renaissance Portuguese Literature)

Publications of *eHumanista*  
Santa Barbara: eHumanista, 2007

Edited by

João Dionísio  
&  
Antonio Cortijo Ocaña

## Introdução

Neste número especial da revista *eHumanista* o leitor encontra reunidos vários trabalhos sobre textos e facetas diversificadas da literatura portuguesa sobretudo da época medieval, mas também do início do período conhecido como Renascimento. São abordados vários géneros literários marcantes deste vasto arco cronológico através de reflexões que não estão enfeudadas a nenhum modelo único, embora *a posteriori* se possa notar uma predominância do pensamento filológico, assente no princípio de que o texto ganha em ser conhecido através dos testemunhos que o transmitem, e da análise intertextual, em particular por meio do confronto entre versões subsistentes do mesmo texto ou da influência que uma obra exerce sobre outra. Tomada consciência desta predominância, achámos apropriado intitular este número com a expressão “mais de pedras que de livros”, retirada de uma carta escrita por Diogo Afonso Mangancha sobre os usos aprovados da astrologia (a carta está integrada no *Livro dos Conselhos de D. Duarte*). A expressão em causa aparece na introdução à carta, constituindo um “embrayeur” apologético de que se serve Diogo Afonso Mangancha para pedir desculpa pelo reduzido número de livros que usou na resposta à solicitação eduardina. Ali em Porto de Mós, onde o pedido de D. Duarte o foi encontrar, há *mais de pedras que de livros*.<sup>1</sup>

É muito difícil estabelecer uma sinédoque entre Porto de Mós e o Portugal da Idade Média em matéria bibliográfica, mas a impressão com que o medievalista fica, se se ativer aos documentos bibliográficos hoje disponíveis que remontam àquele período, é a de que os testemunhos escasseiam. O primeiro domínio em que se tornou evidente a bondade desta impressão foi na lírica galego-portuguesa: estudada como um fenómeno no âmbito da lírica românica e trovadoresca em particular, verificou-se que o conjunto de manuscritos subsistentes ficava em número muito aquém daqueles que se conservaram na lírica dos trovadores d’Oc e na dos trovadores d’Oïl. Foi Giuseppe Tavani quem gravou esta percepção na fórmula “tradição pobre e estéril,”<sup>2</sup> referindo-se assim a um fenómeno de cultura escrita que tinha dado origem a poucos registos cancionerescos, que por sua vez ocasionaram poucas cópias. Estas, entre outras condições, fizeram com que no campo da lírica galego-portuguesa se tenha dado ênfase a uma prática de índole comparatista, por um lado, e à análise *ope ingenii*, por outro, no intuito de amenizar os constrangimentos colocados pela escassez documental.

---

<sup>1</sup> ‘Carta do doctor dioguo afonso que diz em que casos se pode sem pecado vsar da astrologia’: “...por compyrmento da qual cousa eu preuy asy como pude em porto de mos onde ha mais de pedras que de liuros” (em *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)*, edição diplomática de João José Alves Dias, Lisboa: Editorial Estampa, 1982, 204).

<sup>2</sup> Giuseppe Tavani, “La tradizione manoscritta della lirica galego-portoghese”, *Cultura Neolatina*, 27 (1967): 41-94 (inserido em G. T., *Poesia del Duecento nella Penisola Iberica*, Roma: Edizioni dell’Ateneo, 1969, 77-179; trad. portuguesa em G. T., *Ensaio Portugueses. Filologia e Linguística*, Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1988, 55-122).

Um bom exemplo desta prática encontra-se no exaustivo artigo de Elsa Gonçalves, que regressa a uma questão central na tradição manuscrita da lírica galego-portuguesa: a relação entre o Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Portugal (*B*) e o índice (*C*), elaborado pelo humanista Angelo Colocci, desse cancioneiro. Para o efeito, a Autora passa em revista as objecções formuladas ao estudo que publicou em 1976 e colhe contributos da bibliografia dos últimos trinta anos sobre a transmissão manuscrita da poesia trovadoresca galego-portuguesa. Feita a revisão da matéria, Elsa Gonçalves propõe que a numeração de *C* tenha sido feita por Colocci sem ter sido transcrita do antecedente de *B*, assinalando que os aspectos comuns a *C* e a *B* sugerem ter o índice derivado do cancioneiro e que os aspectos divergentes não afectam esta possibilidade. A Autora julga igualmente poderem discriminar-se duas etapas na produção do índice, uma primeira dedicada à escrita do nome dos autores; a segunda relativa ao registo do número dos textos.

Na literatura arturiana, a situação de penúria documental a que nos referimos é agravada no caso do *Livro de José de Arimateia* porque até muito recentemente, quando foi localizado um seu fragmento medieval por Aida Fernanda Dias,<sup>3</sup> o seu único testemunho conhecido datava do século XVI. O trabalho de Ivo Castro entreabre a porta da nova edição que tem em curso do *Livro de José de Arimateia*. As mudanças mais notáveis em relação à sua edição parcial realizada em 1984 dizem respeito às normas de transcrição e sobretudo a uma estratégia de cunho mais crítico, servida por uma *collatio* mais consequente no plano da fixação. Trata-se de uma edição ainda conservadora, mas com uma dose de intervenção bastante conspícua, como se comprova pela nota E do artigo aqui acolhido. Nela se justifica uma alteração na sintaxe e pontuação indicadas pelo manuscrito português com a leitura do passo correspondente em manuscritos franceses. Papel semelhante é desempenhado pela nota L, que demonstra como a colação com estes manuscritos permite introduzir uma significativa correcção vocabular. Por outro lado, um dos interesses deste artigo consiste em mostrar a linha além da qual (e apesar de os manuscritos franceses convidarem o editor a intervir) o editor prefere ficar impassível, conforme pode ser verificado na nota M. Nesta medida, o trabalho de Ivo Castro apresenta-se como a ilustração de um meio-caminho virtuoso entre a conservação e a intervenção.

A contribuição de Antonio Cortijo centra-se num tratado que é um óptimo exemplo do sentido que procuramos dar à expressão de Diogo Afonso Manganha. Referida em vários documentos, mas nunca encontrada durante décadas e décadas, vários estudiosos chegaram a acreditar que a tradução portuguesa da *Confessio Amantis* de John Gower nunca fora realizada. Uma das descobertas mais importantes no domínio dos testemunhos da literatura medieval escrita em língua portuguesa foi no passado recente a revelação do paradeiro de um manuscrito com a tradução desta obra.

---

<sup>3</sup> Aida Fernanda Dias, “A Matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergamináceo.” *Revista Portuguesa de Filologia. Miscelânea de Estudos, In Memoriam José Gonçalo Herculano de Carvalho*. 25.1 (2003-06): 145-221.

Este manuscrito e o texto que transmite têm sido estudados sistematicamente por Antonio Cortijo, que, a título individual ou em colaboração com Maria do Carmo Oliveira (cuja morte inopinada ocorreu este ano), produziu as edições dos livros VIII e VII.<sup>4</sup> Neste número da *eHumanista*, Antonio Cortijo apresenta e edita a tradução portuguesa do livro VI. A apresentação centra-se na matéria (um dos sete pecados mortais, a gula), nas fontes e nas características estilísticas da tradução portuguesa.

O artigo inacabado de Luís Afonso Ferreira (especialista já há tempo falecido no *Livro da Vertuosa Benfeitoria*) constitui um caso digno de registo de prática comparatista com o fito de apurar a influência que a tradução portuguesa do *De Officiis* de Cícero poderá ter exercido na redacção do *Livro de Vertuosa Benfeitoria*, do infante D. Pedro e freio João Verba. Ao mesmo tempo, por se tratar de um documento inacabado e inédito, mostra como novos passos em certos campos de estudo podem ser dados recuperando o que está já feito, mas permanecia ignorado. Possivelmente escrito em 1950, dois anos depois de ter vindo a lume a edição da tradução portuguesa quatrocentista do tratado ciceroniano *De Officiis* preparada por Joseph M. Piel, Luís Afonso Ferreira escrutina casos de vizinhança textual entre o *Livro da Vertuosa Benfeitoria*, o texto latino e a tradução do *De Officiis* para sugerir que a obra de Cícero teve influência marcante na redacção do texto do infante D. Pedro e de frei João Verba. Trata-se de uma reflexão que versa matéria ignorada na crítica sobre a literatura tratadística de Quatrocentos e que fornece pistas merecedoras de exploração. A edição deste artigo ganha em ser compreendida no âmbito da publicação de textos inéditos modernos. Procurou-se uma solução equilibrada entre a satisfação dos direitos do autor, o qual, à vista da documentação conhecida, não chegou a concluir este estudo, e a consideração pelos direitos do leitor, que não tem de ser privado de conhecer o trabalho em causa. Por isso, optou-se pela reprodução fotográfica do único testemunho localizado e pela transcrição à parte das anotações autógrafas.

O trabalho de Luís Urbano Afonso ilustra a necessidade de em certos casos o confronto não se cingir a documentos de natureza textual. É precisamente a partir de uma sugestão de Luís Afonso Ferreira, segundo a qual a invulgar conclusão alegórica do *Livro da Vertuosa Benfeitoria* pode ter sido inspirada por alguma pintura específica que o infante D. Pedro tenha observado em Itália, que se desenvolve o artigo de Luís Urbano Afonso. Os resultados a que chega não permitem documentar a hipótese de Luís Afonso Ferreira, propondo-se em contrapartida que o modelo do desenlace alegórico seja encontrado na articulação entre um passo do *De Beneficiis* de Séneca e a tradição literária e visual relacionada com as virtudes cristãs.

Se o *Livro da Vertuosa Benfeitoria* chegou até nós através de três manuscritos quatrocentista, o *Leal Conselheiro* de D. Duarte, à semelhança do *Livro dos Ofícios*,

---

<sup>4</sup> *Revista de lengüas y literaturas catalana, gallega y vasca* 11 (2005): 181-240; *Revista de Literatura Medieval* 19 (2007), a sair em breve; *Românica* 16 (2007), a sair em breve; [www.spanport.ucsb.edu/projects/ehumanista](http://www.spanport.ucsb.edu/projects/ehumanista) (Projects, Confessio Amantis), com estudos, edição dos textos medievais inglês e português, e tradução para o espanhol contemporâneo dos livros VII-VIII da *Confessio Amantis*.

está representado num único códice. É precisamente a datação deste códice que o artigo de João Dionísio e Bernardo de Sá Nogueira procura reavaliar. Parte-se da posição norteadora de Eduardo Borges Nunes e de Aires Nascimento, que separam texto de testemunho, para sustentar a ideia de que o códice *P* foi feito depois do falecimento de D. Duarte. Ao mesmo tempo, recupera-se a interpretação que Joseph Piel deu a uma observação presente no texto sobre frei Gil Lobo, confessor de D. Duarte, e que caiu no esquecimento na bibliografia eduardina das últimas décadas. Esta recuperação é apoiada na segunda parte do artigo pela genealogia e análise do sentido da fórmula “a que Deus perdoe” na documentação portuguesa medieval. A convocação de elementos biográficos, a que Piel não teve acesso, permite talvez fixar a data de confecção do códice *P* num período posterior à regência do infante D. Pedro.

A exceção à leitura que propomos da expressão de Diogo Afonso Mangancha nota-se sobretudo na literatura estudada no artigo de Teresa Amado na medida em que o *corpus* de Fernão Lopes tem características apreciavelmente diferentes das das outras obras em análise. De facto, nenhuma das três crónicas de Fernão Lopes é transmitida por menos de várias dezenas de testemunhos, embora, à luz das edições que Giuliano Macchi elaborou,<sup>5</sup> não haja na opinião da Autora correspondência proporcional entre a variação textual significativa e a relativa proliferação de manuscritos. Ao contrário do que poderia sugerir o anonimato autoral nos manuscritos mais antigos das três crónicas de Fernão Lopes, a leitura dos textos dedicados ao reinado de D. Pedro, D. Fernando e D. João I evidencia várias modalidades de auto-exposição autoral, encontrando-se neste artigo uma tipologia dos modos discursivos utilizados por Fernão Lopes para, fazendo uso da liberdade de expressão de que dispõe, dizer a verdade. Neste sentido a Autora favorece um conceito de crónica como a expressão do que o cronista pensa, o que vai bastante além daquele conjunto de momentos em que o leitor depara com a emergência explícita do sujeito do discurso. A fina consciência por parte de Fernão Lopes do entretecer discursivo revela-se no modo como o cronista lida com critérios de organização da narrativa, com citações de fontes, com a previsão de críticas, com justificações de digressões e formulações de juízos.

De natureza singular neste número da *eHumanista*, o trabalho de Ana Isabel Buescu mostra como, independentemente da interpretação que se apresente da quantidade de livros referidos nos inventários da biblioteca de D. Duarte e de D. Manuel, há muito poucas obras conservadas em mais do que um exemplar. Bibliotecas de *codices unici*, portanto. Num desenvolvido estudo, a Autora demonstra como os inventários subsistentes assinalam a progressiva afirmação da corte régia como modelo cultural, sob o signo da articulação entre as armas e as letras. A lista dos livros de D. Duarte sinaliza bem a crescente importância de uma cultura laica a par da continuação da cultura clerical, sendo de destacar o papel preponderante que na sua biblioteca é atribuído à literatura de carácter pedagógico e às obras em língua vulgar,

---

<sup>5</sup> Cf. as edições revistas: Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2004; e Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro*, Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2007.

originais ou fruto de tradução. Já o rol de D. Manuel provém do inventário da guarda-roupa, elaborado depois da morte do monarca, em 1522. Apesar de se tratar de um documento já da época do livro impresso, apenas são explicitamente referidas cinco obras tipografadas num total de 107 espécies. A Autora destaca a atenção que o inventário dá aos aspectos materiais de cada livro, com frequência não especificando suficientemente a identidade dos textos. Apesar desta limitação, é possível detectar a preponderância de obras de carácter religioso, a par de núcleos interessantes de livros de cavalarias e de textos de autores clássicos.

O número reduzido de testemunhos no caso das obras estudadas por J. M. Fradejas também se pode enquadrar sob o lema de “mais de pedras que de livros” e aqui com a particularidade de só agora estarmos a ter uma noção clara de como certos textos se articulam com outros sob a égide do mesmo género. Para se chegar aos resultados aqui apresentados, foi necessário alargar o horizonte de análise e proceder ao confronto com obras de outras literaturas nacionais, designadamente as produzidas em língua castelhana. O estudo de Fradejas Rueda concentra-se num tipo de literatura, a dedicada à cetraria, muito marginalizado na bibliografia portuguesa dos últimos decénios e portanto pouco conhecido. O Autor apresenta uma desenvolvida visão panorâmica sobre os testemunhos remanescentes deste género em Portugal desde meados do séc. XIV até 1616. Trata-se de um *corpus* de oito textos, uns dependentes de um núcleo de versões e adaptações de tratados muito conhecidos na Idade Média europeia, outro –o *Livro de falcoaria* de Pero Menino– que foi ele próprio matriz dos textos deste género na Península Ibérica. Na exposição de Fradejas Rueda, são privilegiados os manuscritos, a datação, a autoria, a estrutura, a circulação e as relações intertextuais.

Se a escassez testemunhal constitui uma vez mais um traço comum visível no objecto estudado por Cristina Sobral, um dos interesses principais do seu artigo encontra-se no facto de os dois manuscritos tomados em consideração serem por um lado testemunhos de uma obra, mas por outro versões com características próprias só passíveis de serem detectadas após um minucioso labor de comparação e rastreio de dependências. Cristina Sobral fez assim um estudo da espiritualidade agostiniana no final da Idade Média no Mosteiro de Jesus em Aveiro através da atenção que dedicou à Vida de S. Agostinho, texto transmitido por um códice do Museu de Aveiro, produzido entre 1510 e 1529, e por outro da Biblioteca Nacional de Portugal, datado de 1510. A autora leva a cabo uma análise do texto nos dois testemunhos de acordo com as fontes utilizadas em cada um deles, chegando à conclusão de que o manuscrito da Biblioteca Nacional tem um papel mais nitidamente pedagógico, de formar o leitor na doutrina espiritual de matriz agostiniana, ao passo que o testemunho aveirense, com pendor mais hagiográfico, se centra na figura do fundador.

A comparação, em âmbito alargado, é ainda uma marca muito presente na proposta de aproximação realizada por Isabel Almeida entre dois livros de cavalarias portugueses do séc. XVI e o *Orlando Furioso*, de Ariosto. O artigo de Isabel Almeida incide na memória que o *Orlando Furioso* deixou na *Crónica do emperador*

*Clarimundo*, de João de Barros e no *Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos. A Autora defende que João de Barros terá tido acesso directo a exemplares do *Orlando Furioso*, o que é sugerido por casos significativos de intertextualidade. Já no caso do *Memorial*, avançando-se na esteira de José da Costa Miranda e dos sinais de dependência por ele detectados, chama-se a atenção para a dívida da história de Floresinda e Dom Brisam em relação à história ariostesca de Orrigille e Griffon. Como corolário da análise comparativa das duas histórias, Isabel Almeida defende que a estrutura de capítulos do *Memorial* na edição de 1567 não será da responsabilidade do autor, indicando o encadeamento que julga pertinente. A reprodução nos dois textos portugueses de aspectos patentes no *Orlando Furioso* não desmente certas divergências de fundo ideológico, também assinaladas.

Por fim, a investigação de Manuel da Costa Fontes, embora seja dedicada à literatura de circulação oral, constitui, cremos que sem paradoxo, mais um trabalho sob a égide da expressão de Diogo Afonso Manganha, sobretudo porque a comparação entre versões realizada pelo Autor é guiada pelos mesmos princípios dominantes em boa parte dos artigos acolhidos neste volume e pelos condicionamentos impostos por um *corpus* reduzido: confronto com vista à determinação de uma genealogia. No artigo Manuel da Costa Fontes estuda *A Passagem do Mar Vermelho*, uma das poucas baladas cripto-judaicas que ainda podem ser apreciadas na tradição oral portuguesa. Tratar-se-á de uma composição que remonta a período anterior a 1492 e que passou por uma multiplicidade de transformações (ampliações, condensações, contaminações, etc.) aqui cuidadosamente analisadas em função das versões atestadas remanescentes. Uma das transformações mais dignas de registo terá sido o alojamento no seu interior de versos provenientes de uma outra balada, *A Pedra Mara*, alusiva ao que sucedeu depois de os Judeus terem atravessado o Mar Vermelho.

### Introduction

In this special issue of *eHumanista*, the reader will find a compilation of articles on texts and aspects of Portuguese literature pertaining to the Middle Ages and to the beginning of the Renaissance. Within this period, the articles make use of several theoretical frameworks. Nevertheless, it can be observed *a posteriori* that most have adopted a philological approach; that is, they insist on the idea that a text can be better understood through a study of its textual transmission, through intertextual analysis and, particularly, through a comparison of different versions of the same text and / or the influence of one of them upon the other(s). In light of this, we believe it appropriate to entitle this volume “mais de pedras que de livros,” a phrase that derives from a letter discussing the correct use of astrology that was written by Diogo Afonso Manganha to king Duarte (the letter is extant in the *Livro dos Conselhos de D. Duarte*). This phrase appears in the introduction to the letter, a sort of “embrayeur” with which Diogo Afonso Manganha apologizes for the reduced number of books

that he had been able to utilize while composing the letter requested of him by king Duarte. In Porto de Mós, where he was residing at the time he received the royal command to write on astrology, there are –he says– ‘more rocks than books’ (*mais de pedras que de livros*).<sup>6</sup>

Although it is difficult to establish a comparison between Porto de Mós and Medieval Portugal regarding bibliographical material, the scholar of Medieval Portuguese literature finds that, when considering the extant MSS from that period, there is a scarcity of materials, a phenomenon that was first evident in the field of Galician-Portuguese lyric. When analyzed within the geographical framework of the Romance language lyric, and in particular within the troubadour tradition, it is clear that there are fewer extant Portuguese manuscripts than those preserved from French troubadour literature (both Oc and Oil). Giuseppe Tavani remarked on this fact when he coined the expression “tradição pobre e estéril” (‘poor and barren tradition’),<sup>7</sup> an expression that refers to Portuguese written culture which produced fewer song-books (*cancioneiros*) that, in turn, were scarcely copied down. This situation helps to explain why in the field of Galician-Portuguese lyric emphasis has been given to a comparatist approach and to an *ope ingenii* analysis thus attempting to overcome the rarity of primary sources.

A good example of this approach can be found in Elsa Gonçalves’s thorough article. The author deals with a key question in the manuscript tradition of medieval Portuguese lyric: the relationship between the *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Portugal* (*B*) and the Index (*C*) of that same *Cancioneiro* compiled by the humanist Angelo Colocci. Gonçalves reviews some objections to her 1976 study and analyzes the bibliography of the last thirty years on the transmission of troubadour Galician-Portuguese lyric. Additionally, Gonçalves proposes that the numbering of Index *C* was made by Colocci without transcribing it directly from the copy from which *B* derives. She points out that the common aspects of *C* and *B* suggest that the Index derives from the *Cancioneiro* itself regardless of the discrepancies between *C* and *B*. Gonçalves also believes that two stages can be inferred in the creation of Index *C*: the first of which involves writing the authors’ names and the second with registering the number assigned to each composition.

Regarding Arthurian literature, the paucity of manuscripts is made worse in the case of *Livro de José de Arimateia* for only recently has Aida Fernanda Dias

---

<sup>6</sup> ‘Carta do doctor dioguo a fonso que diz em que casos se pode sem pecado vsar da astrologia’: “...por compymento da qual cousa eu preuy asy como pude em porto de mos onde ha mais de pedras que de liuros” (in *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)*, diplomatic edition by João José Alves Dias, Lisboa: Editorial Estampa, 1982, 204).

<sup>7</sup> Giuseppe Tavani, “La tradizione manoscritta della lirica galego-portoghese”, *Cultura Neolatina*, 27 (1967): 41-94 (part of his G. T., *Poesia del Duecento nella Penisola Iberica*, Roma: Edizioni dell’Ateneo, 1969, 77-179; Portuguese translation in G. T., *Ensaio Portugueses. Filologia e Linguística*, Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1988, 55-122).

discovered a medieval fragment of this text<sup>8</sup> and, up until now, we have only had a testimony from the 16th century. Ivo Castro's contribution in this special issue of *eHumanista* offers a preview of his ongoing edition of *Livro de José de Arimateia*. The most important changes with regard to his previous partial edition of 1984 refer to new transcription rules and to a more critically oriented editorial strategy, including a more consequent *collatio*, in order to establish a final text. While it is still a conservative edition, it includes very clear cases of editorial intervention, as can be seen in note E. In this note, Castro justifies altering the syntax and punctuation of the Portuguese manuscript after comparing it with the corresponding French text. Similarly, note L shows that a *collatio* with these French manuscripts would allow the author to introduce a significant semantic variation. Nevertheless, the article makes clear that, despite some particular cases in which a comparison with the French manuscripts invites authorial intervention, the editor prefers not to change the text, as can be seen in note M. Thus, Castro's work follows a virtuous half-way between authorial intervention and conservatism.

Antonio Cortijo's contribution provides a perfect illustration of what we mean by Diego Afonso Manganha's phrase 'more rocks than books.' Although there were references to a Portuguese translation of John Gower's *Confessio Amantis* in several medieval documents, it had never been found and some scholars had even suggested that it never existed. One of the most important news in the field of medieval Portuguese literature has been the recent discovery of a manuscript containing a Portuguese translation of this medieval English work. This manuscript (Palacio II-3088) and the Portuguese *Confessio* have been systematically studied by Cortijo, who by himself and in collaboration with Maria do Carmo Oliveira (whose untimely passing occurred this year) has already produced editions of books VIII and VII.<sup>9</sup> In his article, Cortijo analyzes and edits the Portuguese translation of book VI. His study focuses on the main theme of this book (gluttony one of the seven deadly sins), the literary sources, and the stylistic characteristics of book VI of the medieval Portuguese *Confessio Amantis*.

The unfinished article by Luís Afonso Ferreira (a specialist in *Livro da Vertuosa Benfeitoria* who deceased many years ago) is an excellent example of the use of a comparatist approach in order to refine the analysis of the influence of the Portuguese translation of Cicero's *De Officiis* on the *Livro da Vertuosa Benfeitoria* by Infante D. Pedro and Fr. João Verba. At the same time, because it is an unfinished and unedited text, it shows that in some fields of study new steps can be taken by recovering what

---

<sup>8</sup> Aida Fernanda Dias, "A Matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergamináceo." *Revista Portuguesa de Filologia. Miscelânea de Estudos, In Memoriam José Gonçalo Herculano de Carvalho*. 25.1 (2003-06): 145-221.

<sup>9</sup> *Revista de lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca* 11 (2005): 181-240; *Revista de Literatura Medieval* 19 (2007), forthcoming; *Românica* 16 (2007), forthcoming; [www.spanport.ucsb.edu/projects/ehumanista](http://www.spanport.ucsb.edu/projects/ehumanista) (Projects, *Confessio Amantis*), with studies, edition of the medieval English and Portuguese texts, and translation into contemporary Spanish of books VII-VIII of *Confessio Amantis*.

had already been done but remained unknown. This article was possibly written in 1950, two years after the publication of Joseph M. Piel's edition of the 15th-century Portuguese translation of Cicero's *De Officiis*. Luís Afonso Ferreira analyzes cases of textual similarities between the *Livro da Vertuosa Benfeitoria* and the Latin text and the Portuguese translation of *De Officiis*. He concludes that Cicero's work did, in fact, influence the text produced by Infante D. Pedro and Fr. João Verba. Ferreira's work deals with material previously ignored by critics regarding moralistic literature of the 15th century and offers new insight, which is worthy of consideration. In order to understand our edition of Ferreira's article it should be placed within the field of editing unedited contemporary texts. We have attempted a balanced solution between author's rights (according to the documentation at hand, Ferreira never concluded his article) and reader's rights (who should not be deprived of knowing this text no matter how unfinished it was). Thus, we decided to reproduce photographically the only known copy of this article, transcribing separately its handwritten annotations.

Luís Urbano Afonso's article sheds light on the need to incorporate, in some cases, non-textual documents in our interpretation of literary texts. The article originated precisely in Luís Afonso Ferreira's suggestion that the allegorical conclusion of *Livro da Vertuosa Benfeitoria* could have been inspired by a painting that the Infante D. Pedro may have seen in Italy. Ultimately, it is impossible to determine the truth of Luís Urbano Afonso's hypothesis. As a counter-hypothesis, the author suggests that the model for the allegorical ending of *Livro da Vertuosa Benfeitoria* could be found in the interaction between a passage in Seneca's *De Beneficiis* and the literary and visual traditions pertaining to the topic of 'Christian virtues.'

If the *Livro da Vertuosa Benfeitoria* has been preserved in three 15th-century manuscripts, the *Leal Conselheiro* by D. Duarte, in the same way as the *Livro dos Ofícios*, has been handed down to us in a single manuscript. The article by João Dionísio e Bernardo de Sá Nogueira examines the possible date of this MS. Taking as a point of departure Eduardo Borges Nunes's and Aires Nascimento's distinction between 'text' and 'testimony', the authors suggest that codex *P* was made after king D. Duarte's death. At the same time, Dionísio and Nogueira build upon Joseph Piel's interpretation of a passage in the *Livro da Vertuosa Benfeitoria* about Fr. Gil Lobo, D. Duarte's confessor, which had been forgotten by scholars in the last decades. In the second part of the article, Piel's interpretation is supported by the analysis of the history and meaning of the formula "a que Deus perdoe" in medieval Portuguese documentation. Several biographical data (which were unknown to Piel) would allow us to date codex *P* from a period after the regency of Infante D. Pedro.

An exception to the interpretation of Diogo Afonso Manganha's phrase is present in Teresa Amado's article, for Fernão Lopes's textual *corpus* is considerably different from the rest of works analyzed in this special issue of *eHumanista*. In fact, the three chronicles written by Fernão Lopes have been transmitted in several dozen testimonies. Nevertheless, Amado (by using Giuliano Macchi's editions of Lopes's

works)<sup>10</sup> points out that such a large number of testimonies does not imply (in the case of this work) a large amount of textual variation. Despite what could be deduced from the authorial anonymity of the oldest MSS of these three chronicles by Fernão Lopes, a reading of the texts devoted to the kingdom of D. Pedro, D. Fernando and D. João I shows several varieties of authorial self-expression. Amado's article offers a typology of the modalities of discourse that Fernão Lopes utilizes in order to tell the truth using the 'freedom of speech' available to him. In this regard, the author favors a concept of chronicle as the expression of the chronicler's opinion, which goes considerably further than the reduced number of moments in which the reader notices the explicit appearance of the subject of discourse. Fernão Lopes's subtle consciousness as interwoven in his discourse reveals itself in the way in which the chronicler deals with criteria for organizing the narrative *matière*, with using and quoting his sources, with attempting to anticipate possible criticisms, with his justification for digressions, and with the way he words his own critical opinions.

Standing apart in this special issue of *eHumanista*, Ana Isabel Buescu's work shows that despite the large number of books present in the catalogues of D. Duarte's and D. Manuel's libraries there are very few works in them preserved in more than one MS. They were, therefore, libraries made of *codices unici*. In her comprehensive article, the author demonstrates that the existing catalogues of those libraries point towards the progressive assertion of the royal court as a cultural model articulated under the *dictum* of 'arms and letters'. The list of D. Duarte's books shows the growing importance of lay culture together with the continuation of the relevance of clerical culture. Particularly salient is the role assigned in his library to pedagogical literature and to works written in the vernacular languages (both original pieces and translations from classical works). D. Manuel's collection is made known to us through a catalogue of his library composed after the king's death in 1522. Despite the fact that this catalogue was created during the time in which the printing press was enjoying great success, there is mention to just five printed works in a total of 107 entries. Buescu points out that the catalogue gives particular importance to the material aspects of each book, quite frequently without sufficiently identifying the titles of those texts. Despite this, it is possible to perceive a predominance of religious works, as well as a considerable number of texts devoted to chivalric and classical material.

The reduced number of testimonies studied by J. M. Fradejas can also be put under the rubric of "mais de pedras que de livros." And in this case, only now are we starting to grasp how texts are related to each other in the genre of bird-hunting literature. In order to reach his conclusions, Fradejas had to broaden the scope of his article by analyzing bird-hunting texts written in several languages, particularly in Castilian. This article deals with a topic which has been marginalized by critics in the last

---

<sup>10</sup> See the revised editions: Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2004; e Fernão Lopes, *Crónica de D. Pedro*, Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2007.

decades and, as a result, has been little known. Fradejas offers a broad overview of the extant Portuguese texts from the mid-14th century to 1616. The author lists eight texts, some of which derive from a series of versions and adaptations of works well known in the Middle Ages; in turn, the *Livro de falcoaria* by Pero Menino produced several original texts in the Iberian Peninsula. Fradejas focuses on a description of MSS and discusses their date, authorship, structure, circulation and intertextual relationship.

Scarcity of MSS is again a characteristic of the topic analyzed by Cristina Sobral. One of the most interesting points of her article is that the two MSS that she analyzes are copies of the same work while, at the same time, each offers distinct characteristics which can only be detected after a painstaking comparison of the two. Cristina Sobral's article is a study of Augustinian spirituality at the end of the Middle Ages in the Monastery of Jesus in Aveiro, through the analysis of the *Vida de S. Agostinho*, a text transmitted by a Museu de Aveiro MS (dated from 1510-1529) and a Biblioteca Nacional de Portugal MS (from 1510). Sobral examines the text in both MSS according to the sources used by each of them. She concludes that the Biblioteca Nacional MS has a more pedagogical role (to teach the reader the spiritual Augustinian doctrine) while the Aveiro MS gives the text a more hagiographical spin by focusing on the figure of Augustine himself.

Isabel Almeida's approach is also a comparatist one, *lato sensu*. She compares Portuguese chivalric literature of the 16th century and Ariosto's *Orlando Furioso*. She focuses on the influence that *Orlando* had on João de Barros's *Crónica do emperador Clarimundo* and on Jorge Ferreira de Vasconcelos's *Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda*. She argues that João de Barros had direct access to a copy of *Orlando Furioso* as is suggested by several significant instances of intertextuality. In the case of the *Memorial* and following in the footsteps of José da Costa Miranda who discovered several cases of textual dependency, Almeida points out that the story of Floresinda and Dom Brisam derives from Ariosto's story of Orrigille and Griffon. Finally, and upon a careful comparison of the two texts, Almeida defends that the structure and sequence of the chapters of the *Memorial* (in the 1567 edition) were not the author's doing and she offers her own hypothesis as to the original sequencing. Nevertheless, a close resemblance with the Italian text (no matter how clear it is) does not preclude the fact that there are (in the case of both Portuguese texts) some ideological differences, as shown by Almeida.

Finally, the fact that Manuel da Costa Fontes's article, although dealing with oral literature, builds upon the principles of Diogo Afonso Manganha's phrase should not be seen as something paradoxical. This is so in particular because Costa Fontes's comparison of different versions of ballads is based upon the principles that guide most of the articles of this special issue (that is a comparison with the intention of generating genealogical connections) and derives from the strict conditions imposed by a reduced textual *corpus*. In this article Manuel da Costa Fontes studies *A Passagem do Mar Vermelho*, one of the few crypto-Jewish ballads that is still alive in the Portuguese oral tradition. This composition dates back to before 1492 and has

undergone a variety of transformations (amplifications, abridgments, contaminations, etc.) which are analyzed by the author according to the extant versions. One of the more important transformations is the inclusion of some verses from a different ballad, *A Pedra Mara*, which deals with the ordeals of the Jewish people after crossing the Red Sea.